

O Diabo não morreu: Uma análise da pós-vida da imagem do Diabo a partir da série Lucifer da Netflix¹

Nathalia Akemi Lara Haida²

RESUMO

A série Lucifer da Netflix é um programa televisivo que propõe a releitura de um dos personagens mais antigos da Terra e da história da humanidade, o Diabo. O objetivo desta pesquisa é identificar a pós-vida da imagem do Diabo e como ela se refaz no personagem principal da série Lucifer. No primeiro momento vamos mapear as aparições mais populares do Diabo no audiovisual. Em seguida vamos analisar essas representações, buscando identificar o que as une e aproxima. Por meio da teoria warburgiana de pós-vida da imagem analisaremos os sentimentos que as imagens despertam e como elas se relacionam.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção seriada; Lucifer, Teoria warburgiana; Pós-vida da imagem; Religião.

CORPO DO TEXTO

Durante dois mil anos a cultura cristã construiu uma imagem para Deus e para o Diabo, estes representados como opostos e poderosos, personificando às maiores forças do mundo. Deus retrata a bondade do mundo e o Diabo é o símbolo do mal. Com o passar dos anos esses simulacros se consolidaram e se modificaram. Observamos a imagem de Deus e do Diabo serem revisadas e relidas, caminhando ao encontro da série Lucifer da Netflix, o programa televisivo propõe a releitura de um dos personagens mais antigos da Terra e da história da humanidade. A série discorre sobre Lucifer Morningstar, o Diabo, que vem para a Terra, viver uma vida de prazeres e luxúria. O Diabo é mostrado como um personagem niilista, e a partir do subjetivo do Lucifer a série se desdobra em discussões filosóficas sobre o livre arbítrio e mostra a luta do Diabo em se livrar do controle exercido por Deus nos seres vivos. Lucifer é representado como uma pessoa sempre agitada e inquieta, preocupada com os pensamentos dos outros sobre sua imagem e extremamente hiperativo, o Diabo é ansioso. Ele também transita entre suas capacidades de ser bom ou não, há falta de crença em si mesmo e em seus princípios, indícios da síndrome do impostor. Lucifer

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

² Doutoranda do PPG de Comunicação da UFPR, email: akemihaida@icloud.com

teme o amor e o apego, ele esconde seus sentimentos e isso é enfatizado em suas sessões de terapia, durante a série ele demonstra que a raiz de seus maiores problemas está na relação conturbada com seus pais, existem mágoas e situações mal resolvidas que o influenciam por centenas de anos e tais fatores refletem diretamente em sua personalidade. Todas essas características humanizam o Diabo, são traços psicológicos e sentimentos humanos que tornam Lucifer Morningstar carismático e próximo do público. A construção da série apresenta o antagonista de Deus como um personagem bem humorado e mal compreendido, que teria cometido um único pecado, questionar.

Buscamos olhar as representações visuais do Diabo, o personagem chegou às telas no século XX, o cinema foi um grande aliado para manter sua imagem viva na memória das pessoas, desde que os Dráculas fizeram sucesso, Lúcifer não saiu mais das filmagens. A partir de 1950 são centenas de filmes que tratam da narrativa do Diabo, muitas vezes envolvendo demônios e possessões e em quase todas ele é representado a partir do imaginário que vemos ser construído no decorrer dos séculos: asas de dragão, chifres, escamas e fogo. Nos limitamos aqueles que utilizam a representação do próprio personagem do Diabo em si.

A partir da seleção das aparições mais populares do Diabo no audiovisual utilizamos a teoria warburgiana para analisarmos a pós-vida da imagem desse personagem. Aby Warburg busca em suas obras Atlas Mnemosyne - que na mitologia grega personifica a memória - e Pathosformeln entender como as imagens conhecem e produzem pensamento. Por meio de metodologias que concebem um diálogo entre antropologia, imagens e arte. O autor buscava compreender a pós-vida da imagem, mais precisamente como traços da antiguidade retornavam ao contemporâneo, não como tópicos figurativos, mas por meio de impulsos psicológicos ativados pela memória cultural. Para Warburg a arte não está na área da estética, mas sim como parte da psicologia social, conceituando que circulam e existem como seres humanos, carregando consigo "vidas" no sentido de se relacionarem entre si e com as pessoas, manifestando crenças e histórias, elas significam e representam a cultura, em seu amplo significado. Nesse sentido analisamos as representações do Diabo no audiovisual e assim como Warburg não distinguia grandes artes de pequenas artes, aqui não faremos

entre as representações, nosso interesse está em compreender o potencial emotivo que cada uma delas pode despertar. A partir disso podemos relacioná-las com a representação imagética do personagem Lucifer da Netflix, montando um mapa visual onde é possível traçar semelhanças e até mesmo adaptações das características desse personagem.

Compreender isso dentro das representações de Lúifer é mais claro quando tratamos de personagens como o Diabo de *Tenacious D: Uma Dupla Infernal* (2006) ou de *A Lenda* (1985) que carregam todo o estereótipo criado nos últimos dois mil anos pela Igreja Católica, reforçado pelo Baphomet de Mendes (LEVI, 200, p. 349). Um ser metade bode, vermelho sangue, com chifres e cascos, unhas compridas e aparência horrenda. O reconhecimento do personagem é instantâneo. Porém encontrar os traços da presença da antiguidade nos demais personagens das produções: *Coração Satânico* (1987), *Anjos Rebeldes* (1995), *O Advogado do Diabo* (1997), *Constantine* (2005) e *Supernatural* (2009), exige um olhar mais atento, para Warburg aqui a presença está de forma sensorial, ou seja, cabe ao campo das sensações, existem os traços racionais, como: cenas obscuras, roupas fechadas, falta de alegria e olhares frios; mas a sensação trazida pela representação dos personagens é a linha em comum entre todas as filmagens e a primária é o desconforto, seguido da associação ao mal, permeado ao menos pela desconfiança, por exemplo: a primeira vista dessas imagens nenhuma dessas representações seriam associadas a Deus ou aos Anjos. Pois carregam sutilezas representativas que conduzem nossa memória cultural a identificá-las e categorizá-las como algo ruim. Tais fatores existem pois durante a construção da história do Diabo, ele foi associado a todas essas características, esses traços são o reforço da existência do mal e sua presença. Outro ponto marcante do Diabo que se consolidou com o tempo e cruzamento com outras mitologias - por exemplo Loki da mitologia Nórdica - foi a ironia e travessuras, encontramos isso nas comédias: *As Bruxas de Eastwick* (1987) e *Little Nicky, Um Diabo Diferente* (2000). Por fim, a sexualidade do Diabo e sua relação com o feminino estão expostas no filme *Endiabrado* (2000). Todas estas características identificadas no personagem do Diabo, estão presentes na série *Lúifer* e seguem sendo reforçadas, como vemos no mapa a seguir:

MERCER, K. "1968": periodizing, postmodern, politics and identity discussion. *In*: GROSSEBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. (orgs.) **Cultural Studies**. Londres: Routledge, 1992.

WARBURG, A. Mnemosyne. **Revista Arte & Ensaios**, n. 19, p. 125-131, 2009.